





Incentivos e Escolhas

Luís Cabral

lcabral@stern.nyu.edu

O ENSINO SUPERIOR COMO SECTOR DE EXPORTAÇÃO

Os exemplos da Católica e da Nova mostram que não é tanto uma questão de ser público ou privado, mas sim ter alguma autonomia, de forma a que haja um projeto próprio

Portugal precisa de exportar mais: apesar da melhoria no saldo da balança comercial, há ainda muito que fazer. Seguindo o modelo do dr. Nicolau Santos, apresento hoje um caso de sucesso: os mestrados de Economia, Finanças e Gestão das Universidades Católica e Nova. Consta-me que entre um quarto e metade dos alunos são estrangeiros (de vários países europeus mas também de outros continentes). Não só o número de alunos é significativo (centenas), mas as propinas que pagam são também significativas (entre 7 e 10 mil euros por ano).

Isto implica totais na ordem dos milhões de euros: uma fração ínfima dos milhares de milhões de que se fala na cena política, mas um valor significativo quando comparado com o ponto de partida (praticamente zero) ou com o volume de negócio das instituições em questão. Mais: estas centenas de alunos contribuem adicionalmente para a balança comercial como um turista que permanece em Portugal durante vários meses. Isto é, o valor das propinas é uma estimativa inferior da exportação de serviços em causa.

Este caso de sucesso leva-me a várias observações. Em primeiro lugar, num país onde a maioria reincide na queixa comum de que “não há apoios” e “não há verbas”, agrada encontrar instituições que não esperam pelas oportunidades, antes criam as oportunidades.

Em segundo lugar, há os que repetem o *cliché* que o mercado relevante é a Europa — e há os que levam a ideia a sério. Levar a ideia a sério significa mais do que enviar folhetos para alunos estrangeiros. Por exemplo, desde há uma década que tanto a Nova como a Católica regularmente contra-

Num país onde a maioria reincide na queixa de que “não há apoios” e “não há verbas”, agrada encontrar instituições que não esperam pelas oportunidades, antes criam as oportunidades

tam professores no mercado mundial: antes da internacionalização do corpo docente, já se tinham criado condições para a internacionalização do corpo docente. As acreditações internacionais e os *rankings* também desempenharam um papel de credibilização da estratégia das duas escolas. (E parafraseando Churchill, os *rankings* são a pior forma de comparar programas — exceto todos os outros).

(Um ponto relacionado: Tanto quanto sei, a Faculdade de Economia

da Nova foi a primeira escola em Portugal que estabeleceu o critério de não contratar os próprios doutorados. Desta forma, não só ofereceu talento a múltiplas outras instituições como abriu a possibilidade de contratar doutorados de todo o mundo).

Em terceiro lugar, o exemplo da Católica e da Nova mostra que não é tanto uma questão de ser público ou privado, mas sim ter alguma autonomia, de forma a que haja um projeto que seja um projeto próprio: a internacionalização da Católica foi feita sem o Estado; a internacionalização da Nova foi feita apesar do Estado. Em ambos os casos, as pessoas estão dispostas a trabalhar por amor à camisola porque têm uma camisola própria. Oxalá a 5 de Outubro prestasse mais atenção a estes exemplos.

Nem todas as disciplinas terão a mesma procura que a Economia, as Finanças e a Gestão, e nem todas as escolas conseguirão atrair o mesmo número de alunos estrangeiros dispostos a pagar propinas como a Católica e a Nova conseguem. Todos, no entanto, podemos seguir o exemplo: Portugal, sendo um país pequeno, tem todas as condições para fazer coisas grandes.

Professor da Universidade de Nova Iorque e da AESE

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia